

Da minha biblioteca

Em Português, Se Faz Favor, de Helder Guégués



Adriana Nogueira

Classicista
Professora da Univ. do Algarve
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

«A filha de um gramático deu à luz, após amorosa união, / uma criança do género masculino, feminino e neutro.»

Depois de ler *Em Português, Se Faz Favor* (da editora Guerra e Paz, 2015), lembrei-me deste epigrama de Páladas (poeta de Alexandria, dos finais do séc. IV d.C.). Também Helder Guégués (não é engano, tem mesmo dois acentos), revisor de texto, encara a língua com humor e ironia, mas sempre com muita seriedade. São assim os seus comentários nos blogues (de que sou leitora assídua) que manteve (*Assim Mesmo*) e mantém (*Linguagista*) e nos quais se inspirou para muitas das entradas deste *Guia Fundamental para Escrever Bem*,

de subtítulo. Aí, onde o objetivo não é serem um tira-teimas da língua portuguesa, Helder Guégués é muito divertido, pela mordacidade com que critica os erros que vai lendo nos jornais e nos livros ou ouvindo na rádio e na televisão, muitas vezes nem explicando que erro é esse. Porém, nesta obra que não é para especialistas, mas que se dirige «antes a todos os falantes comuns que querem e precisam, exprimir-se melhor em português» (p.21), o autor contém um pouco o sarcasmo, tem o cuidado de explicar o que está errado e indica a forma correta.

O livro tem exemplos de vários tipos (géneros, numerais, regências verbais, etc.), como se pode ver pelo índice, dos quais aqui vou apresentar apenas alguns, para ficarmos com uma ideia do que podemos aprender.

«Alguns erros mais comuns»

Sob este título, encontramos uma entrada pela qual também batalho, por cujo uso já fui



Helder Guégués encara a língua com humor e ironia, mas sempre com muita seriedade

«corrigida» e que aqui transcrevo: «Grama. Um erro de peso». Escreve o autor: «*Quantas gramas*», perguntava o jornalista ao produtor de um vinho premiado, «precisa para fazer uma garrafa, tem ideia?» O produtor, não apenas tinha ideia, pelo menos aproximada, como caiu no mesmo erro. No sentido de milésima parte da massa do quilograma-padrão, *grama* é do género masculino, porque os nomes gregos em *-ma* são neutros e correspondem por este género ao masculino português: *o coma*, *o crisma*, *o dilema*, *o grama*, *o lema*, *o panorama*, *o poema*, *o sistema*, etc. Este livro pesa, aproximadamente, setecentos gramas. No sentido de erva rasteira, prejudicial às culturas, é do género feminino. Como sinónimo de *relva* só se usa no Brasil – é um brasileirismo para nós.»

Na entrada «Formas perifrásticas», refere uma dúvida comum: «Apesar de fazer parte da colecção Portugal Turístico (o logótipo é um trevo de quatro folhas), o postal foi *Made in Italy*. É pois aos italianos que assacamos o ultraje. Não é assim tão mau:

acabamos por nos habituarmos a morar em Necklaces» ('Feito à mão', Miguel Esteves Cardoso, Público, 6.06.2010, p. 33).

Com formas verbais perifrásticas, o infinitivo deve ser impessoal, *acabamos por nos habituar*, pois a marca da pessoa já lá está, no primeiro verbo.»

Neste capítulo há explicações muito interessantes sobre o uso dos pronomes em expressões de tratamento («Trata-se de um verdadeiro idiotismo da nossa língua, isto de as expressões de tratamento levarem os restantes possessivos para a 3ª pessoa. Ora repare-se: *Vocês têm as suas opiniões e eu tenho as minhas*. E quem diz *vocês*, dirá ou poderá dizer *Vas Exas*, *Vas Majestades*, etc[...]»), mas o espaço aqui é curto. Não deixem, no entanto, de as ler no livro.

«Algumas confusões mais comuns»

Este capítulo tem informações tão úteis, que tive dificuldade em seleccionar apenas uma. Aqui vai:

«No Red Light, em Amesterdão, uma mulher gorda numa montra «*chamou-a à atenção*»,

a uma personagem. Está errado: no sentido de 'despertar, atrair o interesse de alguém', diz-se *chamar a atenção*. Portanto, 'chamou-lhe a atenção'. Também existe, isso é certo, a expressão *chamar à atenção*, mas com o significado de chamar alguém para que preste atenção ou admoestar, advertir, repreender.»

«Modismos e mau uso»

Deste capítulo, escolhi a entrada «Confortável»: «Com espanto, o alemão percebeu que os oficiais inimigos, apesar de graduados em coronéis, comandando regimentos em batalha, *não se sentiam confortáveis com mapas*» ('Os coronéis de Tannenberg', Viriato Soromenho-Marques, *Diário de Notícias*, 9.07.2012, p.11). 'Não se sentiam confortáveis com mapas'... Como quem diz, um sem-abrigo confortável com os jornais com que se protege do relento. Deve evitar-se o uso desse vocábulo para significar 'à vontade', pois, nesse caso, estaremos perante um desnecessário anglicismo semântico.»

«Pronúncia»

No último capítulo explica-se o modo correto de pronunciar o nome de Almeida Garrett:

«Na Antena 1, recordavam o incêndio do Chiado, ocorrido em 1988. E como pronunciavam o nome Garrett? Pois *Garré*. Garrett dizia que escrevia com dois *tt* para pelo menos lhe lerem um, mas a ironia não chegou a todos os ouvidos modernos.

Escreveu Gonçalves Viana: 'Se o nome fosse francês, que não é, nenhum francês, ao vê-lo escrito com dois *tt* finais, deixaria de pronunciar-lo *gàrête* [garréte]. A extravagante pronúncia *gar-ré* é que não pertence à língua nenhuma conhecida, e só prima pelo ridícula que é.» E mais, acrescenta Gonçalves Viana, «o próprio poeta sempre pronunciou o seu apelido como se em português se escrevesse *garréte*, com *a* surdo na primeira sílaba, o acento tónico na segunda, e o *t* perfeitamente proferido. Assim lho ouvi eu várias vezes, assim o pronunciavam todos os seus contemporâneos'. 'Garrett', escreveu Botelho de Amaral, 'deve rimar com *canivete*.'»

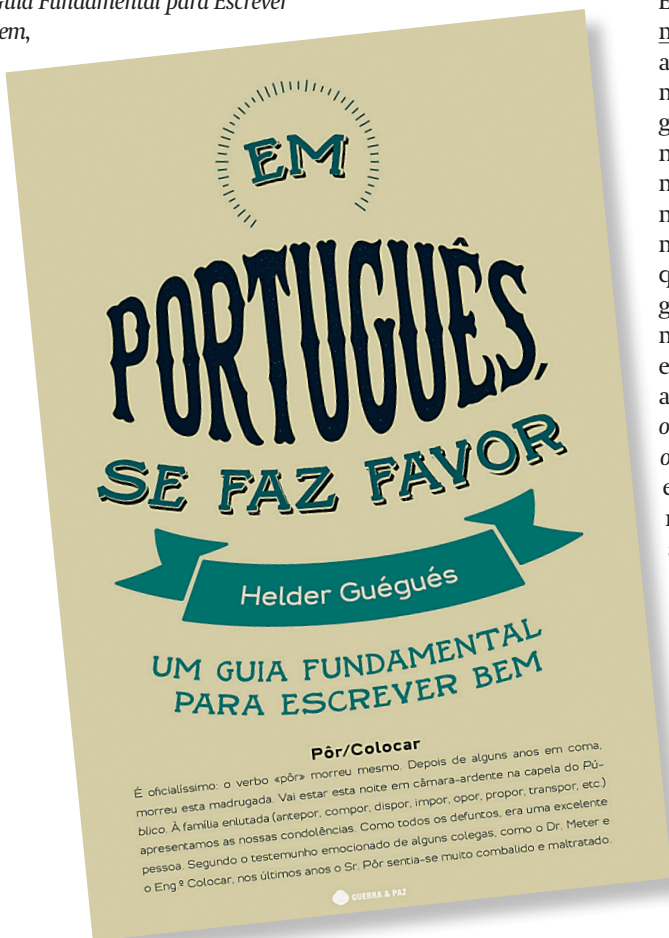
O livro está dividido em 12 capítulos, tem um prefácio do linguista Fernando Venâncio e um posfácio do professor de filosofia Desidério Murcho. No final, quer o Anexo com «Alguns vocábulos com variantes» (formas, entre muitas outras, como *abdome/abdómen*, *balançar/balancear*, *filhó/filhós*, *magricela/magrizela*, *ramela/remela*) quer o «Índice alfabético e remissivo» são muito funcionais.

As referências que vão sendo feitas ao longo do livro remetem para uma vasta e excelente bibliografia, com nomes como Francisco Rebelo Gonçalves, Francisco José Freire (o Cândido Lusitano), Vasco Botelho de Amaral ou Rodrigo de Sá Nogueira, a par de atuais dicionários e prontuários mais comuns.

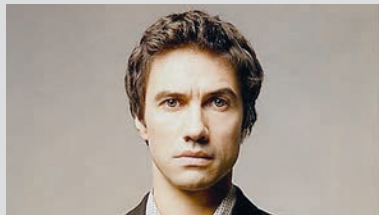
Ser revisor não é fácil e muitos destes temas geraram polémicas no blogue.

Mas assim se faz a língua: lendo a sua literatura e discutindo a sua gramática.

Um livro que já fazia falta.



AGENDAR



"FUTURO EU"

14 NOV | 21.30 | Teatro das Figuras - Faro

O novo espectáculo de David Fonseca expõe um conceito inédito na sua já vasta obra em que o inesperado é princípio basilar



"GENTE DE FÉ"

Até 26 NOV | Biblioteca José Mariano Gago - Olhão

Exposição revela todo o envolvimento que o povo do arquipélago tem pelas suas tradições religiosas na perspectiva do igualmente açorense Marcelo Borges